

EXPOSIÇÃO

OS MÉDICOS FOTÓGRAFOS

16 outubro - 4 dezembro 2015



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA AMEAM

Um grupo de médicos moçambicanos decidiu criar uma Associação de Médicos Escritores e Artistas, conhecida pela sigla AMEAM. A concretização desse sonho efectuou-se a 25 de abril de 2013. Os seus Estatutos foram publicados no BR de 31 de maio de 2013. A ideia fundamental que norteou estes médicos foi a da difusão da Cultura, das Letras e das Artes pelos seus colegas, pelos estudantes de Medicina (de pequeno se torce o pepino...) e por outros profissionais de Saúde. Assim, alguns dos principais princípios que estão contidos nos seus objetivos, plasmados nos Estatutos, são os de:

- Cultivar, promover, estimular e dinamizar os médicos para desenvolverem atividades culturais, literárias e/ou artísticas;
- Incentivar e estimular a produção cultural, literária e/ou artística dos seus membros e dos médicos em geral, através de concursos, publicações periódicas, coletâneas, exposições e outras manifestações culturais;
- Promover e organizar congressos, jornadas, reuniões e outras atividades culturais, literárias e/ou artísticas, para médicos.

Para atingir esses objetivos achou-se necessário envolver neste esforço os estudantes de Medicina, outros profissionais de Saúde e indivíduos que de uma forma ou de outra, estejam ou tenham estado, ligados ao setor da saúde. Assim foi criada uma categoria de «membros associados» para este grupo de não médicos. A AMEAM já se filiou em Organizações internacionais congêneres ao nível da CPLP e ao nível mundial.

A nossa Associação é muito variada na sua expressão cultural, literária e artística: ela congrega escritores (romancistas, contistas, cronistas, poetas, autores de textos históricos e de trabalhos sobre cultura e saúde), declamadores, bailarinos, músicos, compositores e cantores (de uma grande variedade de estilos musicais, desde a música ligeira moçambicana à música religiosa e à música clássica), artistas teatrais, apresentadores e realizadores de programas televisivos, cineastas, fotógrafos e artesãos. Há mesmo um entrosamento entre estas diversas expressões culturais.

A AMEAM já realizou vários atos culturais e já publicou vários números do seu Boletim que tem sido largamente distribuído por via eletrónica a mais de um milhão de destinatários, não só em Moçambique, mas em pelo menos 15 países estrangeiros e que tem sido muito elogiado, não só pelo seu conteúdo, mas igualmente pela sua apresentação gráfica. Por isso a nossa reputação já se espalha além-fronteiras. Isso levou a que alguns médicos escritores e artistas de outros países se tenham querido associar a nós como «membros correspondentes estrangeiros».

Agradecemos à Universidade NOVA de Lisboa, NOVA health e Instituto de Higiene e Medicina Tropical, que alberga esta exposição.

Hélder Martins

OS MÉDICOS FOTÓGRAFOS

Diz-se, no mais vernáculo português, que cada doido tem a sua mania...

No caso presente falamos de médicos, não de doidos, e de paixões, não de manias.

Assim, traduzindo: alguns médicos têm algumas paixões.

Nisso não são diferentes do mais comum dos mortais... mas ter a coragem de expor paixões não é para os fracos de espírito.

Estes são de espírito forte, isto é, acreditam que o que viram, e como o viram, interessa e enriquece quem o vê.

O mistério desta profissão, que sempre me fascinou pela minha dificuldade de a perceber emotivamente, é esta mais que fortuita apetência pela criatividade artística.

As mais das vezes são escritores e reinventam a vida e a sociedade.

Mas há os que se dedicam às outras expressões, às outras artes, às outras reinvenções.

Porquê?

E, neste caso, porquê a fotografia?

Penso que os médicos, melhor que nós outros, comuns mortais, aprendem a melhor conhecer a semiótica da vida... ou das vidas.

Será porque, melhor que nós outros, eles conhecem melhor essa espantosa máquina de ver, chamada olho?

Há alguns anos atrás e a propósito do trabalho de um magnífico fotógrafo que publicou um livro sobre a Ilha de Moçambique, escrevi que as suas fotos me tinham ensinado a ver como se vê a Ilha.

Escrevi que, naquelas fotos, eu "vi ver a Ilha". Curiosamente o editor "corrigiu" a frase e publicou que eu tinha visto "viver a Ilha".

Entre desagradado e curioso me veio então aquela sensação de que, afinal, ver e viver talvez não sejam sensações, assim, distantes, de que ver sem viver é cegueira da emoção e que viver sem saber ver é analfabetismo dos sentidos.

O que estes doutores da medicina nos trazem nesta exposição é simplesmente isto: um ensaio, um enfoque, uma descoberta, um espanto, o deleite e o sofrimento da técnica, uma abstracção a duas dimensões e a obsessão de saber isolar o momento e dar-lhe o valor universal que, afinal, todos os momentos da vida têm, para quem os sabe ler, ver... e viver como únicos, transientes e intemporais.

José Forjaz
Maputo | 21.10.14

RUAS DE PASSAGEM

António L. Marques

A pequena série de fotografias integra-se num projecto amplo onde são mostrados aspetos da vida quotidiana noutras regiões do mundo.

A rua é o espaço onde tudo se passa e onde se cruzam vidas diferentes. É também um lugar de grande fascínio pela sua complexidade, movimento e cor. Há nela um permanente jogo de luzes e sombras, como se, diariamente, tudo ali fosse encenado e cada um tivesse o seu papel a desempenhar.

Em cidades densamente povoadas como Deli, Mumbai ou Calcutá, por exemplo, onde algumas destas fotografias foram capturadas, há um constante fluir de gentes, de quem não sabemos o destino e que contracenam com outras cujo único lugar no mundo é a rua e que ali vivem permanentemente.

O autor considera-se um fotógrafo de viagem, no sentido de alguém que regista os lugares de passagem e que olha a vida dos outros, mesmo nesse breve trânsito.

Os seus percursos preferidos têm sido sobretudo por África e pela Índia.



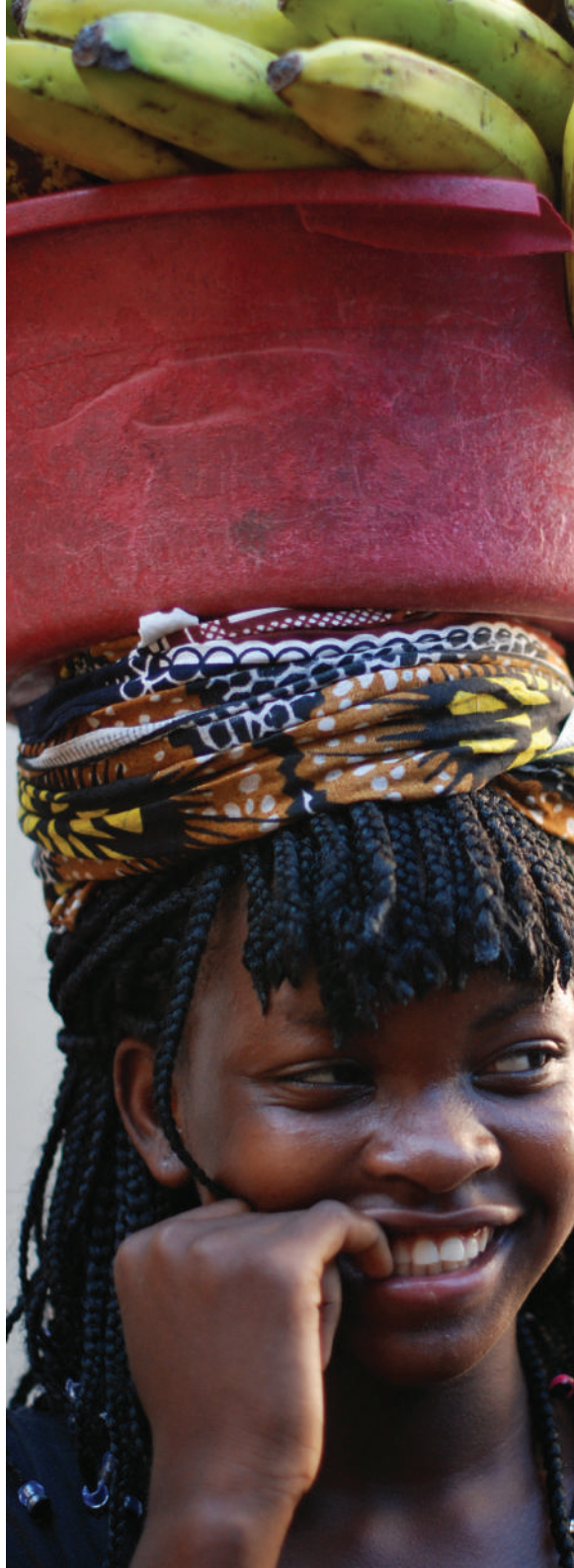
VIAGEM NA MINHA VIDA A XIPAMANINE

Clara Ramalhão

De tudo eu senti e vi, envolta de uma paleta humana de um fascínio tal, que me levou sem bloqueios de pensamento mas na fluência do que o meu coração sentia, à magia daquele lugar: estava no mercado de Xipananine, sob um calor que aquecia a minha pele, percebia África, naquilo que passa pelo movimento sob esfera terra e povo, que se mistura com os raios intensos que emanam de expressões magnânimas, seja qual for a idade, porque não há idade, nem tempo, mas vida.

De cada alma em formato de rosto ou gesto, emerge a força da terra.

Na condição de gente que sou, e apenas gente, sem cor, sem terra, mas em abraço com o mundo, permitam a partilha destes momentos de emoção pela imagem, fazendo transparecer, que na maior amalgama de gentes e poeira, se descobre beleza ... é só mergulharmos o nosso olhar no que vemos e ir mais fundo, sem limites de coisa nenhuma.





LUZ

João Fumane

Luz. A arte da natureza. Aquece-nos, embala-nos, inspira-nos, alimenta o espírito, irradia alegria e vida. Cada detalhe é um magnífico hino à natureza, à sua beleza, à sua energia.

Luz. É arte, com ela manifestamos a nossa mensagem à magnificência da raça humana, do seu saber e da sua crença.

Luz. É vida.

Nesta pequena amostra fotográfica quero transmitir a força da luz na natureza e na obra do Homem.



AMBIENTES E SAÚDE

João Schwalbach

Sabendo que um conjunto de factores pessoais, sociais, económicos e ambientais determinam a saúde individual e comunitária e sabendo igualmente que *cada indivíduo é tanto mais sã quanto mais sã for a comunidade a que pertence*, importa obter ações harmoniosas, integradas e globais para melhorar as condições socioeconómicas e ambientais com vista a elevar a qualidade de vida das populações e, assim, a sua saúde. É neste âmbito que se mostram, nas presentes fotografias (por vezes dura e dramaticamente), diversos meios ambientes que, tantas vezes e infelizmente, influenciam negativamente o estado de saúde individual e comunitário. Também por isso e para isso se captaram estas fotografias, como uma forma de se colherem reflexões que permitam conduzir a consequentes ações.



António Leitão Marques nasceu em Moçambique, onde completou os estudos liceais. Licenciou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra e especializou-se em cardiologia, tendo sido diretor do Serviço de Cardiologia do Centro Hospitalar de Coimbra entre 2006 e 2013. Foi fundador e presidente da ONG Cadeia de Esperança (2000-2013), associação médica com projetos de cooperação na África de língua portuguesa, nomeadamente em Moçambique e S. Tomé e Príncipe. É membro-fundador do Instituto do Coração de Maputo (ICOR), onde é médico-cardiologista desde Setembro de 2013.

Enquanto estudante, foi membro da redação da Revista Vértice, colaborando com artigos na área da saúde, cinema e fotografia e é membro dinamizador do Centro de Estudos de Fotografia de Coimbra. Participou em várias exposições em Portugal e em Moçambique, entre as quais *Fotógrafos do Centro* (Sétimos Encontros de Fotografia, Coimbra, 1986), *Livro de Viagens* (Centro Cultural de Belém, Junho, 1998), *Cruzeiro do Sul* (Centro Português de Fotografia, 2002) e *Moçambique, Labirinto da Saudade* (Centro Cultural Português em Maputo, 2010).

Clara Ramalhão, de nacionalidade portuguesa, nasceu em Moçambique. É médica Neurorradiologista e desenvolve a sua atividade como fotógrafa desde 1997. Esta paixão é conciliada com a sua vida profissional e científica, também ela ancorada na imagem – a Imagiologia Médica. Desde 2009 é coordenadora de Projectos de Cooperação Luso-Moçambicanos na área da formação em imagiologia médica.

Como fotógrafa o enfoque primordial do seu trabalho é o retrato. Os seus trabalhos integraram inúmeras exposições coletivas e individuais em Portugal e em Moçambique. Participou e organizou workshops e outras iniciativas nesta área, tendo trabalhado em colaboração com várias entidades. Faz parte da Associação de Médicos Escritores e Artistas de Moçambique (AMEAM), sendo a primeira portuguesa de naturalidade moçambicana a integrar esta associação.



João Manuel de Carvalho Fumane, de nacionalidade moçambicana, nasceu em 1964. É Médico Especialista em Medicina Interna com larga experiência clínica tanto em Medicina Interna como em Oncologia, tendo bastante experiência de gestão, tanto ao nível de instituições do Governo, como de projetos.

Foi Médico Chefe e Diretor do Hospital Provincial de Tete e, de 1993 a 1996, foi Diretor Provincial de Saúde na mesma província. Foi Consultor na Secção de Saúde nos Escritórios da UNICEF e na empresa Ernestt & Young, em Maputo e exerceu vários cargos de direção, designadamente de Diretor do Instituto Nacional de Saúde no Ministério da Saúde, de Presidente do Comité Nacional de Bioética para Saúde e de Inspetor Geral de Saúde. Desde abril de 2012, é Diretor-geral do Hospital Central de Maputo.

Dedica-se à fotografia como *hobby* desde finais da década 80 e tem trabalhos fotográficos publicados na Revista Moçambique Terra de Contrastes.

João Fernando Lima Schwabach, de nacionalidade moçambicana, nasceu em Tete, em 1942. Licenciou-se em Medicina na Universidade Eduardo Mondlane. Tem larga experiência em docência, ensinando disciplinas como Saúde da Comunidade, Epidemiologia, Gestão de Saúde, Política de Saúde, Bioética e Metodologia da Investigação em diversas instituições de ensino superior nacionais e portuguesas. Foi Diretor e Médico Chefe do Distrito do Chibuto e da Província de Maputo e chefiou a Direção de Saúde da Cidade de Maputo, o Instituto Nacional de Saúde, o Centro Regional de Desenvolvimento Sanitário de Maputo da OMS e a Escola Secundária do Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique. Foi Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane.

Publicou mais de 70 artigos da área de saúde em revistas moçambicanas e internacionais, assim como alguns livros. Fez cinema amador e faz, como amador também, fotografia. Presentemente, é Presidente da Associação Moçambicana de Saúde Pública, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Médicos e Artistas de Moçambique, Coordenador do Conselho Nacional para a Deontologia e Ética da Ordem dos Médicos de Moçambique e Presidente da Comissão Nacional de Bioética para a Saúde de Moçambique.



DESDE 1902
**INSTITUTO DE HIGIENE E
MEDICINA TROPICAL**
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Instituto de Higiene e Medicina Tropical
Universidade NOVA de Lisboa
©2015